
A (AUSÊNCIA DA) NATUREZA E(M) NÓS

Rafael Almeida de Freitas¹

Se eu fosse pequenino, bem mais do que entendo ser,
Caminharia pelas ruas sem ninguém me perceber.

Se eu fosse um passarinho, ligeiro a voar...
Voaria por esse céu, sem ninguém desconfiar.

E se eu fosse um vulcão?! Tão belo e esplendoroso...
Explodiria em luz e cores, com meu magma fervoroso.

E se eu fosse um guaxinim?! Tão pequeno e indefeso...
Num mundo vago e insano, repleto de desespero...
Se eu fosse um guaxinim... Iria me esconder!
Pois seu “preço” é tão pequeno... Difícil de prover.

E se eu fosse um automóvel?! Tão bem quisto e memorável...
Tão sem vida e descartável... Tão nocivo para o ar!
Se fosse um automóvel... Aí então queria ser!
Pois haveria algum esforço, para evitar meu perecer.

Entenda este poema, caro leitor, como um convite à vida!
Arte, linguagem, ciência e comunicação afetiva.
Entre versos amadores sobre uma cultura algoz,
Convido-lhe a refletir sobre **a (ausência da) natureza e(m) nós**.

¹ Doutor em Educação. Mestre em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores. Licenciado em Química. Professor de Ciências/Química no Departamento de Ciências Biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais-Carangola.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.